

Tião: humanista, gênio, herói



» CRISTOVAM BUARQUE
Professor emérito da
Universidade de Brasília (UnB)

Conheci Sebastião Salgado em 1970, os dois estudando economia em Paris. Dois anos depois, fui convidado para festa de despedida em sua homenagem. Achei estranho, porque ele não havia concluído o doutorado e ainda era muito arriscado voltar ao Brasil. O regime militar o tinha como um subversivo comunista. Ele nos contou que decidira suspender o curso de economia e se mudar para Londres, onde trabalharia por um tempo até acumular uma poupança suficiente para voltar a Paris e se dedicar à fotografia. Área na qual ele acabara de se iniciar.

Era impossível imaginar que daquele gesto surgiria o maior fotógrafo da história — pelo tema, pela estética, pela técnica, pela versatilidade e pela tenacidade. A fotografia é uma arte do século 20, dizer que ele é o maior do século é o mesmo que dizer que é o maior da história. Sobretudo quando observamos as características e amplitude de sua obra.

Reencontrei muitas vezes Tião e Lélia: em Brasília, em Paris, em Vitória, em Aimorés. A cada encontro, era um Tião maior — que crescia com o

tempo e com a obra. Em uma dessas vezes, ainda nos anos 1980, ele me disse que estava iniciando um projeto por uma década para fotografar o que não mais existiria no final do século seguinte, o 21. Parecia impossível. Mas, com sua arte, sua tenacidade e sua capacidade de mobilizar recursos — sempre ao lado de Lélia —, ele realizou *Gênesis*, o mais importante livro de fotografia já produzido e, provavelmente, o mais divulgado.

Estive também com ele em Aimorés, Minas Gerais, quando ele iniciava o programa de recuperação de quase 700 quilômetros quadrados de terra devastada pela pecuária. Disse: “Em 10 anos, vamos refazer aqui um pedaço da Mata Atlântica como era antes dos portugueses chegarem.” Parecia impossível. Mas ele fez.

Noutra ocasião, estive com ele em Brasília quando se dirigia, mais uma vez, à Amazônia — para visitar, fotografar e imortalizar povos originários que ele amava e respeitava. Amava e respeitava toda a natureza e todos os seres vivos. Antes de fazer suas famosas fotos de gorilas, passou dias com eles, até que se acostumassem com sua presença.

Não posso esquecer o dia em que, em seu escritório-ateliê, falei da ideia de um livro com fotos de crianças e escolas ao redor do mundo. Tião sentou em frente a um computador, apertou alguns botões, e a impressora jorrou 140 fotos. Escolhemos 70. E fizemos o livro *O berço da desigualdade*.

Estive com Tião quando ele me deu uma lição

importante, ao corrigir grave erro em um discurso meu que muitos elogiavam. Quando um jovem norte-americano me perguntou o que eu achava, como humanista, da ideia da internacionalização da Amazônia para salvá-la, respondi: “Quando o mundo internacionalizar todos os patrimônios da humanidade, eu defenderei a internacionalização da Amazônia. Mas, até lá, a Amazônia é nossa. Só nossa”. Sebastião Salgado, disse: “A Amazônia só deve ser nossa se cuidarmos bem dela”.

Estive indiretamente com Tião em muitas cidades assistindo a exposições de suas fotos. A última em Recife, sobre Serra Pelada — um monumento histórico que continuará sendo uma obra-prima mesmo daqui a séculos.

Obrigado ao mundo, que nos deu Tião brasileiro; à Lélia, que soube ser sua parceira em todos os trabalhos; ao Juliano que foi seu assistente; e a Rodrigo, que o inspirou.

Tião é o mais importante brasileiro dos tempos atuais, nosso maior merecedor de um Nobel, por sua obra pacifista, por sua criação que usa a beleza para despertar consciência sobre a necessidade da paz — entre os seres humanos, e destes com a natureza que nos sustenta. O Comitê do Nobel já não poderá outorgar-lhe esse título, mas nós podemos — e devemos — inscrever seu nome no Livro dos Heróis da Pátria. Até porque sua morte foi causada por doença contraída durante sua luta heróica em ambientes hostis que ele registrou para a sempre e para todos.

Educar para reparar: um curso para ensinar o Brasil a ser justo



» RICHARD SANTOS
Docente da Universidade
Federal do Sul da Bahia,
coordenador do Grupo
de Pesquisa Pensamento
Negro Contemporâneo

Escrevo este texto como convite e provocação: é possível ensinar um país a ser mais justo? É possível formar pessoas para que compreendam o orçamento público, enfrentem o racismo e ajudem a reconstruir a democracia brasileira de baixo para cima? Com base na minha trajetória e na experiência coletiva de muitos que resistem e sonham, nasceu o projeto Educar para reparar: orçamento público e educação antirracista. Um curso, sim. Mas também um manifesto, um caminho de volta para o Brasil que ainda pode ser.

No Brasil de 2025, país marcado por desigualdades históricas e profundas, o projeto surge como uma iniciativa inédita e urgente. Idealizado por um coletivo de pessoas negras e insurgentes e coordenado por mim, professor da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e coordenador do Grupo de Pesquisa Pensamento Negro Contemporâneo (GP-PNC), o projeto é fruto de uma parceria com a União de Negras e Negros pela Igualdade (Unegro) e tem apoio institucional da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi), do Ministério da Educação (MEC). É uma resposta à necessidade de transformar a educação em ferramenta concreta de justiça, democracia e cidadania.

Ao longo da minha trajetória — que, com o nome Big Richard, passei pela cultura hip-hop, pelos estúdios de televisão e, hoje, ocupo a sala de aula e o campo da pesquisa — compreendi que o racismo não é apenas uma violência simbólica. É um sistema que organiza o orçamento público, que distribui (ou nega) direitos e que naturaliza o abismo social brasileiro. Por isso, Educar para reparar nasce da urgência de fazer da educação um instrumento de reequilíbrio das contas históricas de um país que foi fundado sobre a injustiça.

O curso, de caráter nacional e extensão universitária, está estruturado em cinco módulos. Neles, combinamos teoria crítica, escuta comunitária, rodas de diálogo e atividades práticas de letramento orçamentário popular. Nosso objetivo é formar cidadãs e cidadãos que compreendam como o dinheiro público é planejado, aplicado e fiscalizado — e como essa compreensão pode se converter em ação transformadora.

E mais: não caminhamos sozinhos. Temos como professores convidados nomes como Ynaê Lopes dos Santos, historiadora da Universidade Federal Fluminense (UFF), Thiago de Souza Amparo, jurista e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), e Olgamir Amância Ferreira, educadora da Universidade de Brasília (UnB) e referência nas políticas públicas voltadas à equidade. São pessoas comprometidas com a formação crítica e com o Brasil real, aquele que se constrói nas periferias, nas comunidades quilombolas, nas aldeias, nas redes de educação popular.

A metodologia do curso é pensada a partir das epistemologias do Sul Global: valorizamos os saberes negros, indígenas e decoloniais, e os cruzamos com reflexões contemporâneas sobre democracia, direitos humanos e justiça econômica. Nosso referencial é também político e afetivo: mobilizamos autores como Sueli Carneiro, Clóvis Moura, Frantz Fanon, Lélia Gonzalez, Achille Mbembe, Angela Davis, Virginia Bicudo e Boaventura de Sousa Santos, mas também escutamos os mestres do cotidiano — as mulheres negras que lideram associações de bairro, os jovens das periferias que criam redes de solidariedade, os povos originários que mantêm viva a sabedoria dos ancestrais.

Diferentemente de formações que falam sobre os sujeitos populares, Educar para reparar fala com e a partir deles. Nosso curso reconhece o Brasil como um território em disputa — e entende que disputar o orçamento é disputar o futuro. Munidos de conhecimento, podemos tensionar a lógica excludente das políticas públicas e construir alternativas baseadas na equidade, na dignidade e na justiça.

Essa proposta não nasceu de gabinetes. Ela brotou do chão, onde a democracia tem sido empurrada para as margens. É o resultado de uma escuta ampla, de um compromisso radical com a reparação histórica e de uma crença profunda na capacidade do povo de se autoeducar, se organizar e reconstruir o país. Como costumamos dizer: sem educação, não há reparação; e sem reparação, não há democracia de verdade.

Para acompanhar o projeto, inscrever-se nas próximas turmas ou conhecer mais sobre nossas ações, basta acessar o site do Grupo de Pesquisa Pensamento Negro Contemporâneo da UFSB. Porque educar é também lembrar. Reparar é também planejar. E ensinar o Brasil a ser mais justo é tarefa coletiva. Estamos só começando.



Quando o dia acordou cinza



» ROSE MAY CARNEIRO
Membro do grupo de pesquisa
Gênero e Comunicação
(Gecom), coordenadora de
Extensão da Faculdade de
Comunicação da UnB, líder do
projeto @cine.pipocanorole

O dia acordou cinza. Mas não o cinza com seus matizes carregados de poesia e humanidade, como os retratos que Sebastião Salgado nos ofereceu ao longo de décadas. O cinza é o do luto, da saudade, da ausência de um olhar que foi bússola.

É um dia sem o artista que não apenas fotografou o mundo; ele o sentiu, o escutou e o cuidou. Como professora de comunicação, cineasta e fotógrafa, sinto em minha pele e em meu ofício a vastidão do legado que Salgado nos deixa. Ele inspirou e continuará inspirando gerações de fotógrafos e fotógrafas com sua ética de escuta, seu olhar humanista e sua estética comprometida com a verdade.

Quando Henri Cartier-Bresson afirmou que fotografar é colocar na mesma mira a cabeça, os olhos e o coração, Sebastião Salgado respondeu a essa tríade com a própria trajetória. Sua fotografia sempre foi mais do que técnica: foi entrega, compaixão e presença.

O início de sua jornada no universo das imagens foi quase casual. Foi Lélia, sua companheira de vida, quem lhe deu sua primeira câmera, com a singela intenção de que ele pudesse fotografar o filho recém-nascido. Mas aquele gesto amoroso abriu as janelas do mundo. Salgado extrapolou o enquadramento doméstico e expandiu o olhar para o planeta inteiro.

Passou a captar, com rara sensibilidade, os gestos do humano e as dores da Terra. Deixou para trás a economia, embora nunca tenha abandonado o olhar analítico — e trocou as planilhas pela poética das luzes e sombras.

Em *Trabalhadores* (1993), Salgado percorreu 26 países para retratar a dignidade do trabalho manual. Lavradores em plantações de chá em Ruanda, pescadores em lagos africanos, mineiros de ouro na impressionante Serra Pelada, homens enfileirados como formigas numa encosta de barro, erguendo sacos como se erguessem a própria existência. As imagens chocaram e comoveram o mundo. Autoridades foram forçadas a encarar condições de trabalho subumanas que permaneciam ignoradas havia décadas.

Em *Êxodos* (2000), voltou seu olhar para os deslocamentos forçados — refugiados, migrantes, populações em fuga por guerras, fome ou desastres. Ali, Salgado não via multidões anônimas: via mães, filhos, anciãos, pessoas com nomes e histórias. Registrou o sofrimento, mas também a força. Mostrou que o mundo moderno gera exclusões profundas. Suas fotos foram exibidas em fóruns internacionais e utilizadas por organizações humanitárias como denúncia e sensibilização.

Em *Gênesis* (2013), voltou-se àquilo que restou intocado. Visitou territórios preservados, comunidades indígenas, paisagens onde o humano ainda vive em harmonia com a natureza. Fotografou os ianomâmis na Amazônia, os nenets na Sibéria, os himbas na Namíbia. *Gênesis* foi sua carta de amor à Terra, um chamado ao respeito e à preservação. Políticos e ambientalistas passaram a usar seu trabalho como ferramenta de conscientização em cúpulas climáticas e iniciativas de proteção a biomas vulneráveis.

E, então, veio *Amazônia* (2021–2022), seu último grande projeto fotográfico. Nele, passou sete anos imerso nas florestas, aldeias e rios, registrando a vida dos povos originários, a biodiversidade e a ameaça constante do desmatamento. Não foi apenas um livro de fotos, mas um clamor. Um grito sutil em preto e branco, convocando o mundo à responsabilidade.

Suas palavras acompanhavam as imagens com precisão: “Não podemos construir nosso futuro — o futuro da humanidade — com base

apenas na tecnologia. Devemos olhar para o nosso passado, devemos levar em consideração tudo o que fizemos em nossa história. O ser humano tem uma grande oportunidade: a pré-história da humanidade está na Amazônia agora”.

A meu ver, o futuro é analógico. Está no gesto lento, no olhar atento, no tempo da escuta. Está na fotografia que não apenas documenta, mas transborda sentido, ética e humanidade.

Sebastião não era apenas fotógrafo — era também replantador de florestas. Com Lélia, fundou o Instituto Terra e transformou uma fazenda devastada no Vale do Rio Doce em uma floresta renascida: mais de 3 milhões de árvores, uma imagem viva da regeneração.

Se há algo que os novos fotógrafos e fotógrafas podem aprender com ele, não está apenas na composição impecável ou no domínio técnico. Está na postura diante do outro, na paciência, na escuta, na presença, no compromisso com a verdade e com a beleza do real.

Está na disposição de chegar sem julgar, de permanecer até ser aceito, de cantarolar músicas de raiz enquanto a lente se ajusta à luz da manhã.

Seu jeito de Aimorés o manteve conectado ao essencial. Falava com simplicidade, agia com grandeza. Registrava o mundo como quem o segura com cuidado nas mãos.

A fotografia acordou mais triste, mais cinza, com saudades do seu preto e branco. Com saudades do homem que via longe, mas nunca perdia de vista o que estava diante de si. Ele nos ensinou que fotografar é, sobretudo, cuidar — e que cuidar do mundo passa por enxergá-lo com profundidade.

Por isso, mesmo ausente, Sebastião Salgado permanece presente em cada imagem que busca a dignidade, em cada gesto que planta uma árvore, em cada lente que se abre não para capturar, mas para acolher.

O dia acordou mais cinza. Mas, no fundo desse cinza, brilha a memória de um olhar que jamais se apagará.